

COMPORTAMENTO DA BALANÇA COMERCIAL BRASILEIRA COM O MERCOSUL POR PAUTA DE INTENSIDADE TECNOLÓGICA DO PRODUTO NO PERÍODO DE 1994 A 2009

Aulo Pécio Vicente Nardo*

1 INTRODUÇÃO

Embora a integração comercial no Mercado Comum do Sul (Mercosul), desde a criação do bloco econômico em 1991, tenha se deparado com conflitos políticos e comerciais entre os países-membros,¹ é difícil negar sua importância para os países em questão, ou seja, Brasil, Argentina Paraguai e Uruguai.

Desde sua formação, os acordos comerciais estabelecidos buscam estimular a complementaridade intraindustrial,² possibilitando, por meio da expansão comercial entre os países-membros, um crescimento mais equilibrado.

Este trabalho procura analisar a evolução da balança comercial brasileira por intensidade tecnológica do produto com os países-membros do Mercosul. Por um lado, faz-se uma análise histórico-comparativa, a luz dos acontecimentos macroeconômicos dos eventos que sucederam o Plano Real e, de outro lado, a observação dos dados da pauta da balança comercial brasileira para com o Mercosul, no período 1994-2009.

Na elaboração das tabelas, foram utilizados dados da United Nations Commodity Trade Statistics Database (UN ComTrade) sobre a balança comercial brasileira para com os países do Mercosul. A classificação por intensidade tecnológica do produto utilizada é da Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD, 2002, p. 87).³

* Assistente de pesquisa da Diretoria de Estudos e Relações Econômicas e Políticas Internacionais (Deint)/Ipea. E-mail: <aulo.nardo@ipea.gov.br>. O autor agradece a Wesley de Jesus Silva pelo auxílio na tabulação dos dados.

1. Para maiores detalhes a respeito da formação do Mercosul, ver Vígevani, Mariano e Mendes (2002).

2. Conforme Krugman e Obstfeld (1998), o comércio intraindustrial é o comércio entre setores de uma mesma indústria, com produtos semelhantes, tais como o setor automobilístico. O comércio interindustrial é o comércio entre indústrias diferentes, como exportar *commodities* e importar produtos manufaturados.

3. Conforme menciona De Negri (2005), na classificação da UNCTAD, pode-se citar alguns exemplos. Como produtos primários, têm-se em mente desde carnes, óleos vegetais e vários produtos da indústria alimentícia até metais ferrosos e não ferrosos. Entre os produtos intensivos em mão de obra e recursos naturais, pode-se citar papel e produtos da indústria têxtil. Os principais exemplos de produtos de baixa intensidade tecnológica são os produtos de metal e suas obras. Os de média intensidade compreendem equipamentos mecânicos, automóveis e máquinas elétricas. Por último, na classificação de produtos de alta intensidade tecnológica, entram eletrônicos e informática, farmacêuticos e química fina, aviões etc.

O presente trabalho compreende, além desta introdução, as quatro seguintes seções. Na seção 2, trabalham-se as questões macroeconômicas que explicam o comportamento participativo do Mercosul na balança comercial brasileira. Na seção 3, faz-se a análise da evolução da balança comercial brasileira para com cada país-membro do bloco econômico por intensidade tecnológica do produto. Na seção 4, são apresentadas as conclusões deste trabalho, dando ênfase nas principais informações de interesse dos países que compõem o Mercosul.

2 A EVOLUÇÃO DA PARTICIPAÇÃO RELATIVA DO MERCOSUL NA BALANÇA COMERCIAL BRASILEIRA

A tabela 1 salienta a importância que o Mercosul tem para a balança comercial brasileira, na qual se pode observar a evolução da participação relativa tanto das exportações como das importações totais deste bloco econômico e da América do Sul em relação às exportações e às importações totais brasileiras para com o mundo.

Há duas informações que devem ser salientadas na tabela 1. A primeira é o peso que o Mercosul tem em relação à participação de toda a América do Sul no comércio regional⁴ com o Brasil. Em todo o período analisado, tanto em relação às exportações como às importações, o comércio com este bloco econômico corresponde a mais de 50% das exportações e das importações brasileiras para a América do Sul.

A segunda diz respeito à menor ou maior participação das exportações e das importações brasileiras para o Mercosul no decorrer do período analisado. Entre 1994 e 1998, observa-se na tabela 1 o aumento consecutivo da participação relativa das exportações (de 14% para 18%) brasileiras para o bloco econômico. Com respeito às importações brasileiras, observa-se também um aumento da participação relativa do Mercosul (de 14% em 1994 para 17% em 1998). Sugere-se que este aumento de sua importância relativa nas relações comerciais com o Brasil se dá como resultado dos esforços da primeira metade da década de 1990 de maior integração regional e complementaridade intrarregional.

A partir de 1998, verifica-se na tabela 1 uma nova inflexão na participação relativa das relações comerciais do Mercosul para com o Brasil. Há uma queda drástica da participação relativa das exportações brasileiras para este bloco econômico (de 18% em 1998 para 6% em 2002).

Defende-se que essa queda relativa seja reflexo da diminuição na demanda da América Latina, ocasionada pela fuga dos capitais dos países emergentes, em consequência da crise financeira asiática⁵ de 1997-1998. Os choques externos ocorridos em 1997-1998 comprometeram, de um lado, o desempenho econômico do Brasil, com baixo cresci-

4. Refere-se a comércio regional como as relações comerciais entre países de proximidade continental; no caso, os da América do Sul.

5. Para maiores detalhes a respeito da crise asiática, ver Canuto (2000) e Triches (1999).

mento em 1998 e 1999 (tabela 2), e, por outro lado, acarretaram a crise Argentina⁶ de 2001-2002. Para agravar a situação, houve ainda a crise energética⁷ brasileira de 2001, comumente chamada de “apagão”.

Cabe ressaltar que o baixo crescimento do comércio mundial em 2001 – na qual um crescimento de 10,8% em 2000, conforme a tabela 2, chegou a ser negativo em 2001 –, não implicou aumento relativo da participação das exportações brasileiras para o Mercosul. Dessa forma, os dados (de 11% em 2001 para 6% em 2002 conforme a tabela 1) sugerem que os choques externos e internos mencionados no parágrafo anterior implicaram a grande redução da participação relativa do Mercosul nas exportações brasileiras.

Ao analisar as importações brasileiras, observa-se na tabela 1 uma tendência de queda a partir de 1999 na participação relativa do Mercosul, provavelmente pelos mesmos motivos macroeconômicos que afetaram a participação relativa das exportações brasileiras para o bloco econômico. No entanto, a tendência de queda na participação relativa das importações brasileiras provenientes do Mercosul continuam até 2005 (de 17% em 1998 para 10% em 2005), enquanto a participação relativa das exportações brasileiras para este bloco econômico volta a demonstrar altas a partir de 2003.

Esses diferentes rumos de direção em relação à participação relativa das exportações e das importações brasileiras em se tratando do Mercosul estão relacionados ao aumento dos preços internacionais das *commodities*. Isto por que os países da América do Sul são grandes produtores e exportadores de *commodities*.

De acordo com Prates (2007), o ritmo de crescimento da economia mundial tem influência fundamental sobre os preços de *commodities*, na qual os períodos de expansão são acompanhados por altas dos preços relativos⁸ desses bens. Conforme a tabela 2, o volume de comércio mundial volta a crescer, sendo de 3,4%, em 2002, e acima de 5%, entre 2003 e 2007.

O aumento relativo dos preços das *commodities* é ainda favorecido, de acordo com Prates (2007), no período virtuoso de crescimento mundial analisado neste estudo, por três movimentos exógenos que se intercalam com o crescimento mundial. Em primeiro lugar, por choques de oferta, em geral de origem climáticos, dos produtos agrícolas a partir de 2002, acarretando o aumento dos preços relativos das *commodities* agrícolas. Em segundo, pelo excepcional crescimento econômico da China, liderado por setores intensivos em *commodities* metálicas e minérios, elevando as cotações destes produtos naquilo que ficou

6. Para maiores informações a respeito das causas internas e externas que culminaram na crise Argentina de 2001, ver Alvarenga Fernandes (2003).

7. Para mais detalhes a respeito das políticas adotadas na segunda metade da década de 1990 que acarretaram as mudanças institucionais no setor elétrico e os problemas de oferta de energia elétrica de 2001, ver Araújo (2001) e Pires, Giambiagi e Sales (2002).

8. Para aprofundamento teórico, ver Krugman e Obstfeld (1998) e Salvatori (2000).

notoriamente conhecido como “efeito-China”. E por último, a desvalorização do dólar⁹ frente às principais moedas estrangeiras, resultando em preços mais baixos das *commodities* – cotadas em dólar – para o resto do mundo.

Complementa Lyra (2007) ao afirmar que a dinâmica de elevado crescimento mundial beneficiou o conjunto dos países sul-americanos, na qual estes expandiram suas exportações totais a uma taxa duas vezes iguais a das importações no período 2000-2005, fator que influenciou nas contas correntes destes países e que acarretou crescentes saldos comerciais superavitários com outros países.

Dessa forma, esse conjunto de fatores a partir de 2003 permitiu aos países da América do Sul e do Mercosul aumentarem sua capacidade de importação e, assim, suas participações relativas como destino das exportações brasileiras. A melhoria nos preços relativos das *commodities* também ajudam a explicar a continuidade na diminuição da participação relativa do bloco econômico, iniciada em 1999, como origem das importações brasileiras observada na tabela 1. Isto por que os saldos positivos brasileiros permitem ao país aumentar suas importações em produtos de maior valor agregado, provenientes de países desenvolvidos.

Assim, a melhoria nos preços relativos sugere que houve uma tendência no Brasil a aumentar a participação das importações de produtos de maior valor agregado provenientes dos Estados Unidos e da Europa, possivelmente em máquinas e equipamentos, a fim de diminuir custos e aperfeiçoar a capacidade produtiva, o que explica a menor participação relativa do Mercosul nas importações totais brasileiras a partir de 2003.

Os anos de crise mundial de 2008 e 2009, consequência da crise das hipotecas,¹⁰ incorreram em diminuição do crescimento do volume de comércio mundial (2,8%, conforme a tabela 2) e enorme retração do comércio mundial em 2009 (-10,7%, conforme a tabela 2). No entanto, estes não tiveram influência significativa na participação relativa das relações comerciais do Brasil para com o Mercosul, bem como com a América do Sul.

3 EVOLUÇÃO DA BALANÇA COMERCIAL BRASILEIRA COM O MERCOSUL POR PAÍS-MEMBRO

Para fazer uma análise das exportações brasileiras com cada país-membro do Mercosul, construiu-se a tabela 3. A tabela 4 mostra as importações brasileiras provenientes de cada país deste bloco econômico, ambas as tabelas por intensidade tecnológica do produto.

Entre as informações contidas na tabela 3, destacam-se o peso comercial que a Argentina tem no Mercosul como destino de suas exportações, bem como o aumento relativo desta

9. Ainda de acordo com Prates (2007), o contexto de taxas de juros baixas e ampla liquidez nos países desenvolvidos fomentaram aplicações especulativas nos fundos de *commodities*, o que amplifica a elevação dos preços destas.

10. A respeito da crise internacional decorrente da crise das hipotecas, ver Torres Filho e Borça Jr. (2008).

em todo o período analisado, variando de cerca de 70% em meados da década de 1990 para um percentual acima dos 80% de 2003 a 2009.

A participação relativa das exportações brasileiras para o Paraguai e o Uruguai é bem menos significativa que a da Argentina, sendo a participação tanto do Paraguai como do Uruguai declinantes no decorrer do período analisado (respectivamente, de 17,68% em 1994 para 10,51% em 2009 e de 12,38% em 1994 para 8,57% em 2009).

Os produtos mais exportados pelo Brasil para a Argentina em todo o período, conforme a tabela 3, são os de média intensidade tecnológica, ou seja, automóveis, autopeças, refrigeradores etc. Também pode ser observado que houve um aumento, a partir de 2003, da participação relativa dos produtos de média intensidade tecnológica entre os que são exportados para a Argentina (de uma oscilação em torno de 30%, na segunda metade da década de 1990, para uma oscilação acima dos 35%, a partir de 2004).

Ainda a respeito da pauta de exportações brasileiras voltada para a Argentina, cabe salientar, baseado nos dados da tabela 3, a participação relativa dos produtos de alta tecnologia que corresponde em todo o período ao segundo maior volume percentual das exportações brasileiras destinadas à Argentina, variando de 1994 a 1998, algo em torno dos 12%, aumentando para 20%, entre 2000 e 2006, e caindo em torno de 17%, de 2007 a 2009, o que ainda significa um aumento relativo se comparado todo o período analisado.

No que tange ao Paraguai, em todo o período analisado, os produtos de média tecnologia correspondem à maior participação relativa da pauta por intensidade tecnológica dos produtos brasileiros importados pelo Paraguai. No entanto, a queda na participação relativa do Paraguai no Mercosul das exportações brasileiras se faz sentir na diminuição da participação relativa das importações paraguaias dos produtos brasileiros de média tecnologia – em 1994, os produtos de média tecnologia representavam 6,45%, caindo progressivamente em todo o período e representando em 2009 2,55%.

Concomitante com a diminuição da participação relativa das exportações de produtos de média intensidade tecnológicas direcionadas para o Paraguai observa-se na tabela 3 a diminuição da participação relativa das *commodities* primárias e dos produtos intensivos em trabalho e recursos naturais, enquanto a dos produtos de alta intensidade tecnológica permanece relativamente estável em todo o período, em torno de 2 a 3 pontos percentuais. Esta relativa estabilidade participativa, enquanto a contribuição do Paraguai como um todo como destino das exportações brasileiras no Mercosul diminui, implica um aumento relativo da participação dos produtos de alta tecnologia brasileiros na pauta de importações do Paraguai.

Em se tratando do Paraguai e do Uruguai, observam-se na tabela 3 que os principais produtos importados do Brasil são os de média intensidade tecnológica. No entanto, como pode ser visto na tabela 4, os principais produtos importados pelo Brasil tanto de um país como do

outro¹¹ são *commodities* primárias – no caso do Paraguai chega, em todo o período analisado, a quase totalidade percentual dos produtos brasileiros importados deste país. Pode-se verificar ainda na tabela 4 que as importações brasileiras provenientes do Paraguai e do Uruguai diminuem em todo o período analisado, como percentual participativo no Mercosul.

Com respeito às importações brasileiras provenientes da Argentina, conforme a tabela 4, nota-se o importante papel que as importações dos produtos argentinos têm para o Brasil no Mercosul, no qual, de uma participação relativa de 78,26% em 1994, chegam a representar 90% em 2006 e 2007, reduzindo para 85% em 2008, o que ainda demonstra um aumento relativo em relação a todo o período analisado.

É importante ainda salientar que, conforme a tabela 4, enquanto em meados da década de 1990 as importações brasileiras provenientes da Argentina eram em sua maioria *commodities* primárias – oscilando em torno de 30% do total de produtos argentinos importados –, a partir de 2005, observa-se uma predominância crescente dos bens de média intensidade tecnológica na pauta das importações brasileiras provenientes da Argentina, correspondendo em 2009 a 40% das exportações desse país destinadas para o Brasil.

BOX 1

Evolução comercial do setor automotivo entre Brasil e Argentina

Para se ter uma ideia da evolução recente da complementaridade intraindustrial entre Brasil e Argentina, conforme texto do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC), foi firmado desde 2000 o acordo bilateral para o setor automotivo, que ficou comumente conhecido por “flex”, o qual prevê que durante o período de transição ao livre comércio, as importações com margem de preferência de 100% (ou seja, alíquota 0%) de produtos automotivos sejam administradas. Para tanto, foram definidos, para cada ano do período, “coeficientes de desvio sobre as exportações”. Em 2001, de 1,6%; em 2002, chegaria a 2%; em 2003, a 2,2%. Para 2004, o flex seria de 2,4%; em 2005, de 2,6%; e em 2006, comércio livre. Ou seja, para cada US\$ 100,00 exportados, poder-se-ia importar até US\$ 260,00. Dessa forma, se a Argentina exportasse ao Brasil, em 2005, US\$ 1 bilhão, poderia importar do país até US\$ 2,6 bilhões sem pagar tarifa de importação. Em se tratando de autopeças, os estímulos de integração evoluíram em ambos os países com consideráveis reduções de tarifas. O Brasil se ateu a reduções de tarifas das autopeças provenientes da Argentina, enquanto esta estabeleceu limites para o número mínimo de peças nacionais que os veículos produzidos devam conter.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo procurou mostrar a evolução da participação do Mercosul nas relações comerciais brasileiras com o resto do mundo, a luz dos acontecimentos internacionais mais importantes no período 1994-2009. Os dados sugerem que a participação relativa deste bloco econômico nas relações comerciais brasileiras diminuiu ao longo do período analisado, em comparativo ao total destas relações para com o resto do mundo.

11. O autor destaca que se chega a conclusões diferentes do artigo 3 deste boletim. Embora ambos trabalhem a evolução tecnológica para com os países do Mercosul, deve-se atentar para as diferenças metodológicas utilizadas em cada artigo.

Buscou-se ainda verificar as modificações ocorridas na pauta das relações comerciais brasileiras para com os países-membros do Mercosul. Nota-se que o comércio entre Brasil e Argentina alcançou, no período de tempo analisado, um aumento das relações comerciais entre os dois países. Os dados também demonstram que houve um maior grau de complementaridade intraindustrial, principalmente pela redução da participação das *commodities* primárias e pelo aumento de produtos de média intensidade tecnológica nas relações comerciais entre Brasil e Argentina.

Concomitantemente, ocorreu a diminuição participativa em todos os produtos da pauta de exportação brasileira tanto para o Paraguai quanto o Uruguai. No entanto, observou-se o aumento da participação relativa de produtos de maior valor agregado nas exportações brasileiras tanto para um país como para o outro, enquanto as importações brasileiras provenientes destes não sofreram alterações, permanecendo em sua grande parte em se tratando de *commodities* primárias.

Dessa forma, os dados sinalizam que não houve evolução no que diz respeito a um maior grau de complementaridade intraindustrial entre as relações comerciais brasileiras com o Paraguai e o Uruguai.

TABELA 1
Participação relativa do Mercosul e da América do Sul nas relações comerciais do Brasil com o mundo no período 1994-2009

Participação em relação as exportações totais brasileiras	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
Mercosul (US\$ Milhões)	5.705	5.933	7.105	8.804	8.632	6.529	7.471	6.126	3.193	5.523	8.717	11.477	13.682	16.719	21.305	15.449
Participação do Mercosul (%)	14	13	16	17	18	14	14	11	6	8	9	10	10	11	11	11
América do Sul (US\$ Milhões)	8.365	9.104	9.934	12.394	11.938	9.039	10.681	9.844	7.190	9.832	15.288	20.713	26.129	30.770	37.544	26.295
Participação da América do Sul (%)	20	20	22	24	24	20	20	18	12	14	16	18	20	20	20	18
Total do mundo (US\$ Milhões)	42.074	44.716	45.768	50.830	49.210	45.909	52.636	55.728	57.856	70.699	93.644	114.476	132.840	153.638	189.834	146.732
Total do mundo (%)	100	100	100	100	100											
Participação em relação as importações totais brasileiras	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
Mercosul (US\$ Milhões)	4.839	7.121	8.441	9.993	9.687	6.907	7.631	6.836	5.476	5.550	6.211	6.831	8.706	11.246	14.590	12.790
Participação do Mercosul (%)	14	14	16	16	17	14	14	13	12	12	12	10	10	10	9	11
América do Sul (US\$ Milhões)	6.346	9.540	10.930	12.612	11.731	9.118	10.654	9.070	7.464	7.505	9.086	10.493	14.697	18.126	23.979	18.708
Participação da América do Sul (%)	19	19	21	20	20	19	20	17	17	16	15	15	17	17	14	15
Total do mundo (US\$ Milhões)	33.978	50.931	53.242	61.612	57.628	49.206	53.224	52.867	44.925	46.167	60.132	70.286	87.376	107.772	166.430	121.512
Total do mundo (%)	100	100	100	100	100											

Fonte: Dados do ComTrade e metodologia da UNCTAD (2002).
Elaboração do autor.

TABELA 2
Evolução do produto interno bruto (PIB) brasileiro e do comércio mundial – 1994-2009

Período	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
US\$ bilhões	543,1	705,4	840,3	871,3	844	586,8	645,0	553,8	504,4	553,6	663,8	882,4	1.088,8	1.366,5	1.636,0	1.577,3
Taxa real (%)	5,9	4,2	2,2	3,4	0,0	0,3	4,3	1,3	2,7	1,1	5,7	3,2	4,0	6,1	5,1	-0,2
Comércio mundial Em volume (%)	9,3	7,4	5,1	10,1	4,6	4,6	10,8	-0,2	3,6	5,4	10,7	7,7	8,8	7,2	2,8	-10,7

Fontes: Dados do Departamento de Planejamento e Desenvolvimento do Comércio Exterior (Depla), da Secretaria de Comércio Exterior (Secex), e do Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC).

TABELA 3
Exportações brasileiras por intensidade tecnológica do produto para cada país do Mercosul
(Em %)

Exportações para a Argentina por Intensidade Tecnológica	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
Commodities primárias	10,19	10,74	10,86	10,06	10,17	11,12	11,32	12,36	14,83	11,91	9,09	8,57	8,69	8,25	8,32	6,45
Trabalho e recursos naturais	8,22	8,29	9,51	9,41	9,95	12,46	12,72	13,71	7,91	10,39	8,86	8,03	7,82	7,55	6,53	6,47
Baixa intensidade	7,99	7,33	6,11	6,75	6,47	6,82	6,32	7,33	5,21	5,45	6,52	6,94	6,38	7,19	8,09	6,94
Média intensidade	31,89	25,98	32,18	35,71	36,83	31,32	28,12	25,21	20,72	32,22	37,68	37,92	38,38	38,88	39,41	35,00
Alta intensidade	10,04	12,72	11,84	12,83	12,70	17,18	21,62	18,21	21,33	20,25	20,00	21,66	20,07	17,79	15,27	17,42
Não classificados	1,62	0,66	0,51	0,30	0,12	0,49	0,76	1,97	0,99	0,39	0,76	1,63	2,78	3,54	3,50	8,64
Total Participação da Argentina em Relação ao Mercosul	69,94	65,71	71,01	75,06	76,23	79,39	80,86	78,80	70,98	80,60	82,92	84,76	84,12	83,20	81,13	80,93
Exportações para o Paraguai por Intensidade Tecnológica	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
Commodities primárias	3,76	5,13	3,95	3,87	4,59	2,28	2,32	1,98	2,65	1,58	1,25	1,05	1,11	1,23	1,42	1,84
Trabalho e recursos naturais	3,04	3,26	2,69	2,33	2,25	2,36	2,35	2,45	2,82	1,80	1,42	1,21	1,17	1,09	1,14	1,34
Baixa intensidade	1,45	1,59	1,39	1,22	1,10	1,04	1,04	1,01	1,35	0,89	0,74	0,61	0,65	0,67	0,90	0,86
Média intensidade	6,45	7,48	6,36	5,30	3,95	2,79	2,60	2,98	5,25	4,43	3,28	2,43	2,25	2,87	3,65	2,55
Alta intensidade	2,39	2,92	2,91	2,17	1,87	2,07	2,14	2,54	4,14	3,35	2,75	2,21	2,08	2,46	2,85	2,65
Não classificados	0,59	0,65	0,59	0,44	0,09	0,20	0,13	0,21	0,45	0,26	0,20	0,52	1,45	1,06	1,39	1,26
Total Participação do Paraguai em Relação ao Mercosul	17,68	21,03	17,88	15,33	13,85	10,75	10,58	11,16	16,67	12,32	9,63	8,04	8,70	9,38	11,34	10,51
Exportações para o Uruguai por Intensidade Tecnológica	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
Commodities primárias	2,01	2,64	3,03	2,59	2,90	2,57	2,05	2,32	3,33	1,94	1,63	1,51	1,34	1,27	1,15	1,49
Trabalho e recursos naturais	1,84	1,97	1,59	1,44	1,65	2,17	2,12	2,84	3,18	1,62	1,37	1,20	1,11	0,99	0,81	0,91
Baixa intensidade	1,07	2,19	0,92	0,67	0,79	0,72	0,57	0,60	0,59	0,40	0,56	0,45	0,60	0,44	0,51	0,54
Média intensidade	4,18	4,27	3,48	3,28	3,26	2,67	2,22	2,51	2,23	1,52	2,12	2,20	1,99	2,15	2,58	2,47
Alta intensidade	1,76	1,68	1,93	1,46	1,22	1,63	1,42	1,72	2,49	1,44	1,28	1,42	1,25	1,24	1,33	1,48
Não classificados	1,53	0,52	0,16	0,17	0,09	0,11	0,19	0,05	0,52	0,16	0,50	0,41	0,89	1,33	1,16	1,67
Total Participação do Uruguai em Relação ao Mercosul	12,38	13,26	11,11	9,62	9,92	9,86	8,56	10,04	12,35	7,08	7,45	7,20	7,18	7,42	7,53	8,57
Total Mercosul	100,00															

Fonte: Dados do Com Trade e metodologia da UNCTAD (2002).
Elaboração do autor.

Comportamento da Balança Comercial Brasileira com o Mercosul por Pauta de Intensidade Tecnológica do Produto no Período de 1994 a 2009

TABELA 4
Importações brasileiras por intensidade tecnológica do produto de cada país do Mercosul
 (Em %)

Importações da Argentina por Intensidade de Tecnológica	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
Commodities primárias	35,11	33,31	32,51	28,55	31,66	34,66	28,00	26,04	28,83	29,73	26,55	24,04	26,06	26,14	23,90	21,38
Trabalho e recursos naturais	4,49	6,71	5,46	5,18	4,68	4,94	4,66	4,53	3,84	3,63	4,21	3,85	3,61	2,78	2,94	2,23
Baixa intensidade	0,52	0,72	1,11	1,35	1,66	1,87	1,37	1,88	2,23	2,11	1,67	1,93	1,57	1,42	1,86	1,37
Média intensidade	19,33	20,83	22,33	30,79	33,41	26,23	25,36	29,00	21,47	17,08	19,92	25,29	28,95	32,79	35,35	40,10
Alta intensidade	5,11	6,19	5,58	5,38	6,14	8,71	8,90	11,35	12,96	14,65	17,93	19,03	15,15	12,34	12,44	11,41
Não classificados	13,70	11,51	15,41	13,33	7,87	10,55	19,71	16,08	15,74	15,53	17,43	14,90	15,12	14,58	12,87	10,34
Total Participação da Argentina em Relação ao Mercosul	78,26	79,28	82,40	84,59	85,42	86,96	88,01	88,88	85,07	82,72	87,71	89,05	90,47	90,05	89,37	86,83
Importações do Paraguai por Intensidade Tecnológica	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
Commodities primárias	6,67	6,80	6,18	5,06	3,35	3,58	4,14	4,05	6,51	8,07	4,33	4,04	2,63	3,02	3,50	3,70
Trabalho e recursos naturais	0,63	0,49	0,40	0,26	0,21	0,16	0,30	0,11	0,12	0,15	0,22	0,34	0,43	0,45	0,44	0,39
Baixa intensidade	0,01	0,02	0,05	0,04	0,04	0,01	0,04	0,03	0,03	0,02	0,02	0,07	0,09	0,07	0,02	0,05
Média intensidade	0,01	0,03	0,02	0,01	0,04	0,01	0,01	0,04	0,13	0,01	0,02	0,01	0,05	0,04	0,03	0,02
Alta intensidade	0,40	0,10	0,05	0,14	0,06	0,10	0,11	0,13	0,19	0,28	0,18	0,16	0,15	0,18	0,41	0,20
Não classificados	-	-	-	-	-	0,00	0,00	-	-	-	-	-	0,01	0,03	-	-
Total Participação do Paraguai em Relação ao Mercosul	7,72	7,43	6,69	5,51	3,70	3,86	4,60	4,37	6,97	8,53	4,77	4,62	3,35	3,79	4,41	4,37
Importações do Uruguai por Intensidade Tecnológica	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
Commodities primárias	8,73	7,78	7,06	6,12	7,13	5,20	4,10	3,61	4,75	5,58	4,32	3,56	3,67	3,69	3,69	6,33
Trabalho e recursos naturais	2,12	2,31	1,61	1,72	1,36	1,20	0,97	0,73	0,76	0,73	0,70	0,62	0,51	0,43	0,43	0,51
Baixa intensidade	0,16	0,23	0,18	0,22	0,18	0,21	0,17	0,17	0,15	0,15	0,23	0,27	0,23	0,27	0,24	0,27
Média intensidade	1,55	1,28	0,94	0,98	1,07	1,27	0,97	0,89	0,98	0,80	0,74	0,71	0,70	0,59	0,59	0,63
Alta intensidade	1,45	1,65	0,92	0,82	1,12	1,28	1,10	1,17	1,20	1,04	1,02	1,07	1,06	1,16	1,13	0,92
Não classificados	0,01	0,04	0,20	0,05	0,01	0,02	0,08	0,17	0,11	0,45	0,50	0,10	0,01	0,02	0,14	0,14
Total Participação do Uruguai em Relação ao Mercosul	14,01	13,29	10,91	9,91	10,88	9,19	7,40	6,75	7,96	8,75	7,52	6,33	6,19	6,17	6,22	8,80
Total Mercosul	100,00															

Fonte: Dados do Com Trade e metodologia da UNCTAD (2002).
 Elaboração do autor.

REFERÊNCIAS

- ALVARENGA FERNANDES, V. B. Argentina: crise e recuperação. **Conjuntura Econômica**: análise, 2003. Disponível em: <<http://www.pucminas.br/conjuntura>>. Acesso em: 22 out. 2010.
- ARAÚJO, J. L. de. A questão do investimento no setor elétrico brasileiro: reforma e crise. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE ENERGIA, 29., 2010, Salvador, BA. **Anais**. Salvador: ANPEC, 2001. Disponível em: <<http://www.anpec.org.br>>. Acesso em: 25 ago. 2010.
- BRASIL. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC). **Entenda a evolução do acordo bilateral Brasil/Argentina para o setor automotivo**. Disponível em: <<http://www.sindipecas.org.br/documentos/AcordoAutomotivo.pdf>>. Acesso em: 5 maio 2010.
- CANUTO, O. A crise asiática e seus desdobramentos. **Econômica**, v. 2, n. 4, p. 25-60, dez. 2000.
- CONFERÊNCIA DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE COMÉRCIO E DESENVOLVIMENTO (UNCTAD). **Trade and Development Report**. New York, Genève: United Nations, 2002.
- DE NEGRI, F. **Conteúdo tecnológico do comércio exterior brasileiro**: o papel das empresas estrangeiras. Brasília: Ipea, 2005 (Texto para Discussão, n. 1074).
- KRUGMAN, P. R.; OBSTFELD, M. **Economia internacional**: teoria e política. 4. ed. São Paulo: Makron Books, 1998.
- LYRA, F. T. de. **O Brasil no processo de integração da América do Sul**: evolução recente, problemas e complementaridades potenciais. Cepal: LC/BRS/R.188. nov. 2007.
- PIRES, J. C. L.; GIAMBIAGI, F.; SALES A. F. As perspectivas do setor elétrico após o racionamento. **Revista do BNDES**, Rio de Janeiro, n. 9, p. 1-47, 2002.
- PRATES, D. M. A alta recente dos preços das *commodities*. **Revista de Economia Política**, São Paulo, v. 27, n. 3, p. 323-344, 2007.
- SALVATORE, D. **Economia internacional**. Rio de Janeiro: LTC, 2000.
- TRICHES, D. A nova ordem internacional e a crise asiática. **Política Externas**, v. 7, n. 4, p. 3-18, 1999.
- TORRES FILHO, E. T.; BORÇA JR., G. R. Analisando a crise do subprime. **Revista do BNDES**, v. 15, n. 30, p. 129-159, dez. 2008.
- VIGEVANI, T.; MARIANO, M. P.; MENDES, R. G. Instituições e conflitos comerciais no Mercosul. **São Paulo em Perspectiva**, v. 16, n. 1, jan./mar. 2002.